



Para entender a força da UDR

Um lobby rico e poderoso? Foi

Responda rápido: por que os proprietários rurais conseguiram a retirada da desapropriação da terra produtiva e os banqueiros amargaram a surpresa da aprovação do tabelamento de juros? Simples: os fazendeiros tinham um lobby organizado, os banqueiros, não. Só que essa conclusão é precipitada: lobby dá certo, mas nem sempre.

É verdade que os fazendeiros, por meio da UDR, vinham fazendo pressão forte sobre os constituintes há muito tempo. E que, nas duas últimas e decisivas semanas, uma verdadeira máquina instalou-se em Brasília — o próprio Ronaldo Caiado participando de todas as fases de negociação política em torno da questão fundiária.

Verdade, também, que os banqueiros parecem ter menosprezado o tema em votação, como observou o senador Fernando Henrique Cardoso. Não havia um só representante dos interesses dos bancos que tivesse participado do corpo-a-corpo que é a

pressão de grupos dentro da Constituinte.

Mas as grandes mineradoras estavam muito bem representadas. Na verdade, montaram um lobby tão rico e poderoso como o dos fazendeiros — sem sucesso. Quando terminou a votação do tema mineração, as grandes empresas estrangeiras estavam em situação ao menos aparentemente não tão boa como a dos fazendeiros. As mineradoras não tinham nenhuma vitória para cantar.

Explicações, existem muitas. Há a corrente da vingança, por exemplo, que pretende ter os deputados derrotados na questão fundiária apenas retaliado com a aprovação da limitação de juros. Muitos parlamentares concordam em que essas duas votações foram, de fato, emocionais, mais do que uma certa medida considerada normal. Mas poucos se arriscam a dizer que a vingança foi realmente determinante.

Tenta-se explicar a vitória da UDR e dos fazendeiros com um lobby que já existi-

exatamente o que fizeram as mineradoras — sem o mesmo sucesso.

ria informalmente, muito antes de se pretender uma ação coordenada. De fato, entre os 559 constituintes, 29 foram eleitos com a ajuda da UDR — União Democrática Ruralista, segundo levantamento do Departamento Intersindical de Assessoramento Parlamentar — DIAP. E muitos outros estão contando com o dinheiro dos proprietários rurais para garantir a próxima reeleição.

Tudo isso, naturalmente, sem falar nos próprios constituintes que são proprietários rurais e cujo peso político dever ter sido decisivo no dia da votação. É o caso do deputado Alysson Paulinelli, ex-ministro da Agricultura e atual presidente da poderosa Confederação Nacional da Agricultura — CNA. Paulinelli foi o autor do destaque proibindo desapropriações de terras produtivas — o destaque vencedor.

Segundo políticos ligados à esquerda, alguns dos maiores latifundiários do País

são constituintes: o senador Saldanha Derzi, de Mato Grosso, líder do governo no Senado, tido como dono de um dos maiores rebanhos do País; Roberto Cardoso Alves, de São Paulo, dono de várias fazendas no Estado e em Mato Grosso; Ricardo Fiúza e Gilson Machado, de Pernambuco; e o senador Albano Franco, de quem se faz uma pergunta maliciosa: Albano Franco, de Sergipe, ou Sergipe, de Albano Franco?

Para coroar tudo isso, a liderança, certamente carismática, de Ronaldo Caiado, presidente da UDR, que comandou as ações dos lobistas do setor agrário e que, ele próprio, negocia, gritou, radicalizou, transfigurou e finalmente vibrou ao ver aprovada a proposta que interessava aos proprietários rurais. Os fazendeiros e lobistas confiavam na força e na determinação de Caiado.

Já os banqueiros tinham tudo contra. Não só porque não montaram nenhum lobby — nem pequeno nem mínimo, simples-

mente nenhum —, mas porque, segundo avaliações de parlamentares como Roberto Cardoso Alves, um dos líderes do Centrão, há uma "inegável antipatia generalizada contra os banqueiros e as taxas exorbitantes de juros". Assim, não haveria constituintes dispostos a defender "causa tão antipopular", como disse o deputado Jorge Hage, PMDB-BA.

Para o deputado Ronaldo Cezar Coelho, PMDB-RJ, dono do Banco Multiplic, a decisão da Constituinte foi mesmo resultado "da ressaca do Centrão, que dormiu com a UDR, acordou com drama de consciência e resolveu se vingar em cima dos bancos". Talvez. O certo, entretanto, é que a UDR realmente se organizou em todo o País, instalando, sob o comando de Caiado, bases por toda parte. E fez leilões para arrecadar dinheiro, organizou passeatas com adesões maciças, inclusive em Brasília. Os banqueiros e mineradoras poderiam fazer o mesmo?